



Construção e fortalecimento da identidade sociocultural de jovens subalternizados no âmbito do IFMG campus Betim, a partir de uma experiência com a arte literária e seus desdobramentos: uma alternativa à evasão escolar

Carlos Filipe Silveira Gomes, Karolyne Vitória Maciel Gomes, Maria Iorrana Rocha Aleixo, Mariana Rodrigues Fonseca¹ - Filipe da Silva Moreira.²

RESUMO

O presente projeto está fundamentado na prática metodológica de Ateliê Biográfico de Projetos, de Delory-Momberger (2006), cuja experimentação visa a ser ofertada no IFMG *Campus* Betim, com o intuito de analisar a construção e/ou o fortalecimento da identidade sociocultural do jovem subalternizado estudante da instituição, buscando, por sua vez, intervir na permanência e bem-estar deste estudante durante sua formação. Fundamentado nas histórias de vida dos sujeitos, o projeto visa constituir trilhas de aprendizagem e de experimentação em Linguagens, com ênfase às expressões escrita, corporal, visual e musical, enquanto espaço alternativo de orientação pedagógica, especialmente direcionado a estudantes oriundos de contextos subalternizados, seja o recorte social, racial ou por orientação de gênero, dentre outras situações. Objetiva-se, com as diferentes estratégias mediadas pelas linguagens artísticas, contribuir à construção da identidade pessoal dos indivíduos, fundamentada nos valores de protagonismo, responsabilidade e criatividade, além do exercício das suas habilidades em leitura, expressão e valorização do próprio contexto sociocultural. Desse modo, o projeto visa também a promover a construção coletiva de saberes, pautada pelo diálogo e na utilização da Arte e das Linguagens como meio para inclusão de estudantes que, no contexto dos Institutos Federais, não se identifiquem com o curso ou tenham dificuldades quanto à vida acadêmica e que, porventura, queiram evadir à instituição. Portanto, ao constituir-se enquanto ateliê, os grupos de estudantes envolvidos fomentarão a cultura da inclusão e do protagonismo juvenil.

Palavras-chave: Identidade Cultural. Jovens subalternizados. Ateliê biográfico.

¹Estudantes dos cursos técnicos integrados de nível médio – IFMG campus Betim

²Mestre em Educação (UFMG), Técnico em Assuntos Educacionais IFMG campus Betim.



1 INTRODUÇÃO

A compreensão sobre o que é o sujeito subalterno nesta projeto de ensino se fundamenta no conceito de Spivak (1985), no qual a autora define subalterno como aquele que não pode ter sua voz ouvida, a não ser se mediada por outrem pertencente ao discurso hegemônico. Assim, o subalterno permanece, conforme a lógica colonial, silenciado, tornando-se apenas mais um à margem do poder e do privilégio. Há, por outro lado, um imaginário nas ciências sociais sobre o mundo social do subalterno, naturalizado como oriental, negro, índio ou camponês. Contudo, embora se é possível categorizar o sujeito subalterno pela observação da história, em que são exatamente esses citados que, não somente serviram para legitimar o poder imperial instituído econômica e politicamente, como também auxiliaram em consolidar o pensamento epistemológico das ciências sociais, a partir das construções identitárias dos colonizados e colonizadores, é possível considerar que representantes do grupo de subalternizados, embora estando em instâncias de poder como a acadêmica, por exemplo, não permanecem subalternizados por utilizarem de discursos eurocêntricos a legitimar seus pensamentos?

Nesse sentido, é que esta pesquisa considera subalterno àquele que tem o discurso silenciado pelo processo colonial e, por isso, sua existência negligenciada. E, como contribuição para um ambiente escolar mais inclusivo pela perspectiva decolonial é que este projeto visa a dar vez e voz aos que, pela roda colonial, foram negados o direito à fala, do seu lugar de fala. É, portanto, com a fomentação e valorização de sua identidade sociocultural que pretendemos fomentar no estudante o sentimento de pertencimento e protagonismo no ambiente e nos processos educativos. Portanto, o objetivo geral deste projeto é constituir-se o campus Betim enquanto espaço ainda mais formativo, inclusivo e diverso, assim como uma alternativa de produção cultural e de aprendizagens extracurriculares, em que a construção coletiva de saberes, mediada por distintas expressões artísticas, é capaz de formar indivíduos solidários e ativos, assentes na valorização e fortalecimento contínuos das próprias identidades e histórias de vida.



2 METODOLOGIA

A proposta metodológica desta pesquisa está ancorada em uma perspectiva qualitativa, em aproximação com proposta de ateliê biográfico de projetos (DELORY-MOMBERGER, 2006), com adaptações. Contudo, a essência da proposta de Delory-Momberger é mantida considerando que a proposta é convidar o sujeito a inscrever sua história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro e que visa a fazer emergir seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção de sua experiência e de sua história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si. Tendo na arte literária e seus desdobramentos a força motriz para a realização de uma dinâmica que se retroalimenta no consumo e na produção da artística pretendida.

Conforme a proposta de Delory-Momberger (2006), com adaptações, foram convidados 12 estudantes no âmbito do IFMG *campus* Betim, em condições subalternizadas, num recorte de classe-raça-espacos-sexualidades, que, de algum modo, os tornam sujeitos periféricos. Os participantes serão informados, a partir do primeiro encontro, dos temas e assuntos retratados com antecedência. E, inicialmente, foram propostos 6 encontros semiestruturados com registros escritos e fotografados feitos pelos mediadores-colaboradores deste projeto. Contudo, dada a incompatibilidade de horários disponíveis para os encontros e o interesse de mais estudantes em participar do projeto, foi feita a seguinte adaptação:

Foram planejados três encontros, sendo o último e principal uma oferta de oficina dentro da Semana da Consciência Negra do Campus Betim:

Encontro 1: Informações sobre os procedimentos, objetivos e dispositivos colocados em prática.

Encontro 2: Questões sobre qual definição de tem de si próprio, o lugar que ocupa no mundo, desejos e anseios, perspectivas e entraves etc. serão colocadas em discussão junto ao grupo.

Encontro 3: Discussão sobre o tema: formação cultural da nação brasileira. A partir do tema, pensar com o grupo de estudantes os elementos que nos definem brasileiros. Escuta dos



participantes e partilha de vivências. Proposta de planejamento de ação cultural. Criação de produtos culturais a partir das partilhas e afirmações de identidades.

3 RESULTADOS ALCANÇADOS

As falas recolhidas dos encontros com os jovens participantes desta experimentação revelam que a música destacadamente, além de outras artes, tem espaço privilegiado em suas formações, além de uma relação afetiva intensa. Revelam, igualmente, o desejo de serem ouvidos, protagonistas de sua própria história. Pensadores, críticos e sujeitos relevantes socialmente e formadores de opinião. Revelam o desejo de que a escola forme estudantes para serem autônomos, livres, criativos, não reprodutores de frases, fórmulas ou afins. Jovens que pesquisam, que encontram, que renovam.

Estes jovens desafiam a escola quando reclamam seu lugar e direto à fala, por isso são encarados, pelo senso comum, como “jovens problemas”. “Problemas com escola eu tenho mil, mil fita” (RACIONAIS, 2001), canto poético na voz de Mano Brow, nos versos da canção Negro Drama. Contudo, conforme nosso modelo escolar, não seria a forma enviesada de ensino o problema? Paulo Freire (2021), faz um diagnóstico da educação e o que ela produz, quando assume sua herança colonial e não se esforça para dela se desprender:

Nada ou quase nada existe em nossa educação que desenvolva no nosso estudante o gosto da pesquisa, da constatação, da revisão dos “achados” – o que implicaria o desenvolvimento da consciência transitivo-crítica. Pelo contrário, a sua perigosa superposição à realidade intensifica no nosso estudante a sua consciência ingênua. A própria posição da nossa escola, de modo geral acalentada ela mesma pela sonoridade da palavra, pela memorização dos trechos, pela desvinculação da realidade, pela tendência a reduzir os meios de aprendizagem às formas meramente nocionais, já é uma posição caracteristicamente ingênua. (FREIRE, 2021, p. 125)

Para que a escola se torne um ambiente realmente democrático é preciso fomentar a consciência crítica de si e do mundo, para isso é preciso ouvir e ver o outro, o diferente, questionar-se e se renovar. Ademais, para que a prática de ensino de literatura consiga atingir essa consciência crítica de que Freire (2021) cita, é preciso partir de dentro para fora, considerar nossas lutas e vitórias, especificidades de um povo que já existia antes da chegada da



civilização europeia. Portanto, essa experiência de oficina serviu para que, dentro da escola, se criasse esse espaço privilegiado alcançando jovens ansiosos de se manifestarem como são.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subalternidade é um movimento colonial combatido neste projeto de ensino. Permitir que a voz desses jovens sejam emitidas, ouvidas e respeitadas fez parte do formato metodológico aplicado neste projeto. A esperança e o desejo é que este formato, de dar voz e vez a quem é de fato protagonista na história cultural brasileira – o povo - seja um exercício didático para colegas professores e técnicos administrativos no âmbito do IFMG que compreendem a causa de tornar a escola um ambiente democrático de compreensão e de participação de todos, sem exceção, considerando toda diversidade conflitante de culturas na formação central das identidades juvenis.

Termino com uma citação de Paulo Freire, a qual me causa esperança e motivação:

A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sobre a penas de ser uma farsa. (FREIRE, 2021, p. 127)

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um povo? In: DIAS, Bruno Peixe; NEVES, José (Orgs.). **A política dos muitos: povo, classes e multidão**. Lisboa: Tinta da China, 2010, p. 31-34.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciências Políticas**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio-ago., 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>.
- BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Vozes: Petrópolis, 1990.



BRASIL. **Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

CASTANHEIRA, Maria Lucia; SOARES, Magda; UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Entrada na escola, saída da escrita [manuscrito].** 1991. 316f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: educação para vida.** Vida e Educação, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?.** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359- 371, maio/ago, 2006.

DUSSEL, Enrique. **1492: O encobrimento do outro - a origem do mito da modernidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique. **Biografia intelectual - Dr. Enrique Dussel.** Canal Enrique Dussel, [S/Da]. 01 Vídeo (1h42min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pxrWXMueie4&ab_channel=EnriqueDussel Acesso em: 06 dez. 2021.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do Saber: Eurocentrismo, Ciências Sociais. Perspectivas Latino-Americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

DUSSEL, Enrique. **La descolonización cultural - Enrique Dussel.** Canal Carlos Ometochtzin, [S/Db]. 01 Vídeo (12min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q86_LPat-IQ&ab_channel=CarlosOmetochtzin Acesso em: 06 dez. 2021.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidad e Interculturalidad (Interpretación desde la Filosofía de la Liberación) In: Raúl Fonet-Betancourt. **Crítica Intercultural de la Filosofía Latinoamericana Actual.** Madrid: Editorial Trotta, p. 123-160, 2004. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Articulos/347.2004_espa.pdf Acesso em: 05 fev. 2022.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 73ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 50ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

LIPOVETSKY, G. SERROY, J. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

LANA, Priscila. **Práticas de Letramento na trajetória de jovens adultos de camadas populares**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 141 p. **Dissertação (Mestrado)** – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2021.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011.

MIDDLETON, Richard. **Studying popular music**. Philadelphia: Open University Press, 1990.

MIGNOLO, Walter. El pensamiento decolonial: desprendimento e abertura. Un manifesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007. p. 25-46.

MOURALIS, Bernard. O campo das contraliteraturas. In: _____. **As contraliteraturas**. Trad. Antônio Filipe Rodrigues Marques e João David Pinto Correia. Coimbra: Almedina, 1982, p. 41-69.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música – história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NATHANAILIDIS, Andressa Zoi. Das fissuras sociais ao grito pela arte: o rap, a revolta e a política, nos trâmites de uma “nova canção”. 2011. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Recife, PE – 2 a 6 set. 2011, p. 1-15, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2333-1.pdf>; acesso em: 20 ago. 2021.



OLIVEIRA, Virgínia de Souza Ávila. **UM ESTUDO DE CASO DO LETRAMENTO LITERÁRIO EM FAMÍLIAS DE CAMADAS POPULARES**. Belo Horizonte: UFMG, 2015, 287 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do Saber: Eurocentrismo, Ciências Sociais. Perspectivas Latino-Americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo, Jandaíra, 2020.

STREET, Brian. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VEIGA, Cynthia Greive. **Subalternidade e opressão sociorracial: questões para a história da educação latino-americana**. São Paulo: Unesp/SBHE, 2022.